

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA
IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA

Regina de Lourdes Faria Monteiro

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM SALA DE AULA**

Belo Horizonte
Abril de 2016

Regina de Lourdes Faria Monteiro

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Jerry Adriani da Silva

Belo Horizonte

Abril de 2016

Regina de Lourdes Faria Monteiro

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Jerry Adriani da Silva

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Jerry Adriani da Silva – Faculdade de Educação da UFMG

Yone Maria Gonzaga – Faculdade de Educação da UFMG

Á minha mãe guerreira e virtuosa desejando sempre o crescimento dos filhos,

Ao meu filho que se orgulha em ver sua mãe estudante,

Ao meu esposo por acreditar em mim

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, porque sem ele nada acontece em minha vida,

Agradeço às minhas colegas do curso de pós graduação pela amizade e solidariedade, Gisele, Miriam, Vânia e Geovanna,

Agradeço ao professor Jerry Adriani da Silva , meu orientador na UFMG,

Aos professores do curso de Pós Graduação: Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo ensino que me foi dado.

RESUMO

Esta reflexão apresenta a análise do projeto pedagógico “A contribuição da literatura afro-brasileira para as relações étnico-raciais em sala de aula”. Estar cursando a Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais me preparou para trabalhar a lei 10639/03. Antes dessa especialização realizava este trabalho com as crianças, porém, hoje o meu entendimento para falar do assunto tem mais maturidade e conhecimento. Um trabalho desenvolvido com as crianças da educação infantil, 2º período, com idade entre cinco e seis anos no Centro de Educação Infantil Cássio Magnani, na cidade de Nova Lima, durante o ano de 2015. O referido projeto contou com a apresentação, comentários e discussões de filmes como: Menina Bonita do Laço de Fita, leituras realizadas pelas professoras e reconto feito pelas crianças de livros como: “Menina Bonita do Laço de Fita”, “Lembranças do Baobá”, “Posso ser princesa?” e “O mundo das pessoas coloridas”, reconto feito pelas crianças através das imagens e atividades manuais. Realizou-se, ainda, exposições dos trabalhos das crianças. A análise da experiência revelou que o preconceito e a discriminação ainda é algo desconhecido para muitas crianças e que a escola pode contribuir para que cada criança possa crescer reconhecendo as diferenças e valorizando o outro como ele é, tanto em suas características físicas, quanto culturais.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, relações étnico-raciais na infância, valorização da diversidade étnico-racial.

ABSTRACT

This reflection presents the analysis of the pedagogic project "the contribution of Afro-Brazilian literature to the racial-ethnic relations in the classroom". A work done with children in early childhood education, 2nd period, between the ages of five and six years in the Centro de Educação Infantil Cassius Magnani, in the city of Nova Lima, during the year of 2015. This project included the presentation, comments and discussions of films such as: pretty girl Ribbon, readings carried out by teachers and re-telling by children of books such as: "pretty girl" Ribbon, "memories of" Baobab, "can I be a Princess?" and "the world of the colored people," recounting made by children through the images and manual activities. Held, exhibitions of the work of children. The analysis revealed that the prejudice and discrimination is still something unknown to many children and the school can help to ensure that every child can grow up recognizing the ...

Keywords: Afro-Brazilian literature, ethnic-racial relations in childhood, appreciation of ethnic and racial diversity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Foto do livro Menina Bonita do Laço de Fita	21
FIGURA 2 - Foto das atividades das crianças referente ao livro Menina Bonita do Laço de Fita	22
FIGURA 3 - Foto das atividades das crianças referente ao livro Menina Bonita do Laço de Fita	22
FIGURA 4 - Foto das atividades das crianças referente ao livro Menina Bonita do Laço de Fita	23
FIGURA 5 – Foto do livro Lembranças do Baobá	24
FIGURA 6 – Foto da atividade do livro Lembranças do Baobá.....	24
FIGURA 7 - Foto da atividade do livro Lembranças do Baobá.....	25
FIGURA 8 – Foto da atividade realizada pelas crianças referente ao livro Lembranças do Baobá	25
FIGURA 9 - Foto da atividade realizada pelas crianças referente ao livro Lembranças do Baobá	26

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO TEXTO	10
1 - MEMORIAL	Erro! Indicador não definido.
2 - EXPERIÊNCIA	17
3 – ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA.....	27
CONSIDERAÇÕES	30
REFERÊNCIAS	31

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso é fruto de uma análise crítica do projeto pedagógico denominado “A contribuição da literatura afro-brasileira para as relações étnico-raciais em sala de aula” realizado na turma de 2º período, no Centro de Educação Infantil Cássio Magnani no bairro Jardim Canadá na cidade de Nova Lima.

O objetivo geral deste é contribuir com a eliminação de qualquer tipo de preconceito, discriminação e racismo dentro do ambiente escolar e fora dele, bem como ensinar a valorizar e a reconhecer o outro como ele é.

A identidade e a alteridade (capacidade de enxergar o outro) revelam que o outro não é inexistente, portanto, educar é um desafio, considerando-se o que se processa no interior de cada um/a.

Acredito que o trabalho com a temática das relações étnico-raciais, orientado pelos princípios da igualdade, proporciona a conscientização desde a infância e destaca a necessidade de reconhecimento e valorização do próximo como de si mesmo.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: uma apresentação do texto. O capítulo 1, que descreve parte da minha trajetória profissional; o capítulo 2, que apresenta minha experiência temática no Centro de Educação Infantil Cássio Magnani, no 2º período, na cidade de Nova Lima. No capítulo 3, apresento a síntese da análise que realizei dessa experiência e, por fim, trago as considerações finais e os apontamentos para novos trabalhos e possíveis reflexões, além referências bibliográficas.

Espero que este trabalho ajude outros profissionais, uma vez que trabalhar com essas crianças foi qualitativo e prazeroso, pois tal experiência foi desenvolvida a partir de uma consciência social e contribuiu com ações que desencadearam em um relacionamento melhor e mais humano, a fim de

formar indivíduos capazes de ampliar sua visão histórica, sua identidade, sua origem, seus ancestrais. Os que ensinam se preocupam e esperam uma mudança que valha a pena.

2 – MEMORIAL

Realizo este memorial como parte deste trabalho, pois este é significativo em minha caminhada educacional.

Ainda como estudante do Ensino Fundamental e do Ensino Médio observava os/as funcionários/as da escola de que eu era aluna e achava lindo e importante o papel desempenhado por cada um.

Em 2000 inscrevi-me no concurso público na cidade de Contagem para o cargo de Auxiliar de Secretaria Escolar. Ao ser convocada, e, assumir o cargo, me recordei do tempo em que era aluna e agora estava me sentindo feliz e importante. Fui trabalhar numa escola, localizada no bairro Icaivera, dirigida por religiosas católicas Salesianas e tinha turmas que iam desde a Educação Infantil, até o 5º ano do Ensino fundamental. A comunidade gostava tinha preferência por essa escola e, por estar localizada na divisa entre Contagem e Betim, sempre havia problemas, inclusive no momento da matrícula, quando uma ou outra família apresentava um comprovante de endereço do município de Betim, o que impedia a efetivação da matrícula e o descontentamento das pessoas, no guichê da secretaria.

Nessa ocasião, as ruas desse bairro ainda eram sem asfalto, não tinham rede esgoto e o lugar era conhecido porque acontecia, com frequência, crimes e assaltos. A escola era muito frequentada por policiais, pois o público escolar causava alguns problemas com relação a rinchas de grupos. Permaneci dois anos nessa escola, cresci profissionalmente e conheci pessoas amorosas as quais tinham o desejo de ajudar o outro.

Por depender do transporte público me transferi para uma escola mais central, pois morava em Nova Lima. Iniciei então um novo tempo na Escola Municipal Cecília Meireles, localizada na Vila Itaú, onde permaneci, como auxiliar de secretaria, durante seis anos. Lá havia pequenas turmas de

Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, uma turma de cada idade/ano.

Nessa escola aprendi muito, participava dos compromissos junto com a direção da escola, a qual procurava envolver todos os funcionários. Quando havia excursões em locais mais distantes a direção organizava uma merenda especial para todos/as todos/as. Sempre tinha arroz, farofa, frutas, refrigerante e todos/as participavam com prazer. Também íamos a cinemas, parques, museus e até mesmo conhecer a vila, local onde viviam muitas pessoas a margem da sociedade, sem oportunidades, passando dificuldades financeiras, fome e frio. Crianças brincavam a margem do rio que passava entre a vila e a via férrea no meio do esgoto. Víamos ratos, muito lixo, e havia muito mau cheiro.

As casas da vila eram muito pequenas, bem coladinhas uma na outra, havia uma única rua e, no mais, eram becos bem estreitos. Muitas vezes, ouvi de algumas crianças relatos do cotidiano daquele lugar, eram bastantes problemas nas famílias e os mais comuns eram a dependência química de um ou mais dos familiares e a participação no tráfico de drogas, o que causava prisão, morte e destruição dos lares. Percebi dessa forma, o amor daquela gente pela escola e isso era recíproco, pois a direção e o corpo docente ia além de suas forças para fazer o melhor por aquelas crianças.

A direção, a supervisão e o corpo docente gostavam muito de fazer excursões com os alunos e numa dessas fomos conhecer a cidade de Sabará. Os professores estavam trabalhando com os alunos a história do Brasil e então houve a oportunidade da realização dessa visita. Todos ficaram bem admirados com tudo o que foi visto, pois lá encontraram muita história para contar sobre a escravidão aqui no Brasil, como os negros escravizados eram tratados, as peças que eram usadas pelos senhores da fazenda para punição dos escravizados, os instrumentos de trabalho para a mão de obra e muito mais. Isso ficou guardado em minha mente e no meu coração, pois é um lugar para ser visitado por brasileiros e brasileiras.

Observamos e aprendemos que o negro trazido para o Brasil sofriam grandes abusos. A dura rotina de trabalho marcada por longas jornadas e a realização de tarefas que exigiam grande esforço físico.

Estes quando não se submetiam às tarefas impostas, eram severamente punidos pelos feitores que organizavam o trabalho e vigiavam para que a fuga fosse evitada. Quando pegos infringindo alguma norma, os escravos eram amarrados nos troncos e açoitados com chicote que abria feridas na pele, e, em alguns casos, as punições eram mais severas ainda, poderia ser mutilado, castrado ou ainda amputado alguma parte do corpo. O fato é que a vida dos escravos foi marcada pelo abuso e sofrimento.

Entretanto, a população negra também gerava formas de resistência que iam contra o sistema escravista. Alguns organizavam fugas e partiam para a comunidade no interior das matas conhecidas como quilombos, e, nesse espaço organizavam uma produção agrícola autônoma e formas de organização sociopolítica.

Os escravos que foram trazidos para o Brasil, foram escolhidos por terem habilidades e experiências que seriam importantes para a mão de obra.

Continuando com a minha caminhada, sempre que necessário eu ia para as salas de aula ajudar os professores em suas atividades, participava de alguns projetos e de reuniões pedagógicas. Durante o recreio brincava com as crianças e a cada dia mais ia-se confirmando em meu coração o chamado para o magistério. E foi aí nessa pequena escola que nasceu o desejo de ir para dentro de uma sala de aula participar da vida da criança, uma vez que o professor é muito mais que professor.

Encontrei ali pessoas que me incentivaram a estudar, me mostraram caminhos e me disseram que havia tropeços, mas que haveria vitórias, conquistas.

Então me inscrevi no ENEM em 2009, fui beneficiada com uma bolsa de 50% para a faculdade FACISA – Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas de Belo Horizonte. Iniciei o curso de Pedagogia em fevereiro de 2010 e não desisti, era isso mesmo que eu queria. Concluí em junho de 2013, graças ao bom Deus!

Na faculdade conheci professores que me surpreenderam, me ensinaram muito, pois para chegar ali enfrentaram muitas dificuldades. Tudo é um desafio. Quando chegou o tempo de iniciar o estágio e não conseguia conciliar com o trabalho, me exonerei do cargo de auxiliar de secretaria da Prefeitura de Contagem e parti para algo novo, para uma nova experiência.

Fiz, então, o estagiei na Prefeitura Municipal de Nova Lima e fui contratada como professora de apoio, acompanhando crianças de inclusão. Foi uma experiência marcante, um desafio para mim, pois atuei, por dois anos, com diferentes casos de deficiências, síndromes e condutas típicas.

Ao me formar, tive a oportunidade de atuar como professora regente no 1º ano do Ensino Fundamental, em Nova Lima, na Escola Municipal Florie Wanderley Dias. Encontrei pessoas que me ajudaram a ensinar, a trabalhar. Acredito que foi nessa experiência que me tornei professora, antes eu tinha a teoria e precisava da prática.

E não parei por aí, comecei a trabalhar no Programa Mais Educação¹ com oficinas de letramento Português e Matemática para crianças de 7 a 9 anos. O referido programa, além de possibilitar práticas educativas inovadoras, nos dava a oportunidade de trabalhar projetos e fazer excursões e aulas-passeio.

¹ Programa do Ministério da Educação – MEC, destinado às ações de educação integral e integrada, financiado pelo Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação Básica – FNDE, através do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE.

Em 2014, iniciei a pós graduação Política de Promoção da Igualdade Racial na UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, tal curso me proporcionou conhecimento para trabalhar a Lei 10639/2003.

A partir do ano de 2015, iniciei o trabalho com as crianças da Educação Infantil, prioritariamente, com as crianças de cinco anos de idade, do Centro de Educação Infantil Cássio Magnani no bairro Jardim Canadá na cidade de Nova Lima, em que vivi a experiência “A contribuição da literatura afro-brasileira para as relações étnico-raciais em sala de aula” a qual passo a relatar.

3 – EXPERIÊNCIA

A criança chega à escola com alguns saberes aprendidos em casa, passados dentro do lar pelas pessoas com as quais ela convive, principalmente os adultos, mães, pais e demais responsáveis. Importante destacar que, dependendo das culturas e dos valores, elas podem acumular saberes saudáveis ou preconceituosos.

Percebo, em minhas relações que algumas pessoas racistas, não manifestam isso publicamente, mas, no cotidiano me deparo com diversas situações que demonstram o quanto há de racismo guardado dentro desses/as. Portanto, com o propósito de superar tal sentimento e combater as desigualdades raciais, acredito que deve-se trabalhar com as crianças, desde a tenra idade, o respeito à diferença e à diversidade e, quando a família falha, porque esta dentro do contexto racista, o melhor lugar para começar é na escola.

No cotidiano escolar deparamo-nos com crianças de várias idades, de tons de pele diferentes, com penteados diversos, com cabelos com texturas variadas e com modos de vida distintos. Muitas vezes essa diversidade passa despercebida na rotina corrida das escolas, mas acontecem situações e momentos em que tal diversidade grita (ainda que sem emitir qualquer som), quando ocorrem palavras, gestos ou quaisquer outras manifestações de preconceito e discriminação.

Compreendemos que a diversidade se transforma em desigualdade, quando o outro com suas singularidades e pluralidades se torna diferente e essa diferença significa “menos valor”, falta de reconhecimento, tratamento desigual, acesso diferenciado a bens e serviços etc. O racismo, o preconceito e a discriminação racial contribuíram para o sentimento de inferioridade dos negros, o que provoca a evasão escolar, principalmente entre os jovens.

Sendo a Educação Infantil, a primeira etapa da educação básica, ela é significativa para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade, para a construção da inteligência e para a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, de discriminação racial e de racismo. Isso faz com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais para a história e a cultura brasileira.

A Lei 10639/03, assinada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, alterada pela Lei 11645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, após a aprovação da Lei 10639/03, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira com a perspectiva de construir uma educação positiva para as relações étnico-raciais e tem por objetivo o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros.

Essa lei representa a possibilidade de mudança de paradigmas no processo educativo e espera-se que contribua para a construção de outro olhar sobre os/as brasileiros/as descendentes de África.

O conteúdo e as recomendações da referida lei devem ser trabalhados por diferentes meios, durante todo o ano letivo e não apenas ser lembrada em datas comemorativas como o dia 13 de maio, dia Nacional da Denúncia contra o Racismo, dia 20 de novembro², Dia Nacional da Consciência Negra ou 21 de março, Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial.

² Com a Lei 10.639/03 também foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), em homenagem ao dia da morte do líder quilombola negro Zumbi dos Palmares. O dia da consciência negra é marcado pela luta contra o preconceito racial no Brasil.

O trabalho deverá ser desenvolvido por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, estabelecidos pelas instituições de ensino e por seus professores. Espera-se, portanto, que o ensino de história do continente africano, dos inúmeros povos e da cultura africana e afro-brasileira resgatem os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, negados pela sociedade.

A educação para igualdade racial precisa ir além da descrição dos fatos e procurar constituir nos alunos a capacidade de reconhecer e valorizar a história, a cultura, a identidade e as contribuições afrodescendentes na construção, no desenvolvimento e na economia da nação brasileira. Os conteúdos devem ajudar a combater o preconceito racial, o racismo e a discriminação racial que atingem homens e mulheres, negros e negras, em nossa sociedade.

Os/as educadores/as tem como uma de suas tarefas fundamentais educarem as pessoas para uma convivência de respeito mútuo, que celebra a diversidade e que se posiciona criticamente contra quaisquer formas de discriminação e injustiça. Esses/as são responsáveis por elaborar estratégias de intervenção, sempre que houver a necessidade, e devem desenvolver atividades que possibilitem e favoreçam relações dignas e respeitadas entre as crianças, na sua diversidade.

A leitura é o passaporte para o mundo, o/a professor/a deve aproveitar esse momento para comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, bem como influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais.

As imagens dos livros infantis costumam ter grande importância porque as crianças interagem fazendo a correspondência. Através dos livros, os/as estudantes fazem grandes viagens. Que tal levarmos esses/as para a África?

Foram os princípios mencionados até aqui que orientaram o trabalho pedagógico “A contribuição da literatura afro-brasileira para as relações étnico-raciais em sala de aula” realizado com as crianças da Educação Infantil, prioritariamente, com as crianças de 05 anos de idade, do Centro de Educação Infantil Cássio Magnani, no bairro Jardim Canadá, na cidade de Nova Lima, durante o ano de 2015.

Foi também a convicção de que as crianças nessa faixa etária são ou estão fascinadas por histórias, contos e causos, que estão em processo de alfabetização, com o desejo grande de desvendar os signos do mundo alfabético, foi que fizemos as apostas em livros de histórias infantis que nos possibilitasse, além de avançar nos processos de alfabetização, leitura e escrita das referidas crianças, agir com responsabilidade na construção de relações étnico-raciais mais fraternas e iguais.

Além dos procedimentos normais de um trabalho com uma obra literária, o trabalho em destaque, avançou nas seguintes perspectivas e orientações:

No livro **“Posso ser Princesa?”** do autor Gustavo Gaivota, as crianças aprenderam que há reis, rainha, princesas e príncipes em outras etnias, não somente naquelas mostradas pelas mídias convencionais. Na Comunidade dos Arturos, situada em Contagem, celebra-se a festa do Congado e coroa-se princesas, reis e rainhas.

O livro **“Menina Bonita do Laço de Fita”** da autora Ana Maria Machado, ensinou porque temos essa cor da pele, de onde vem, a herança genética e a valorização da identidade.

Abrimos os trabalhos com a apresentação do filme “Menina Bonita do Laço de Fita”, inspirado no livro de Ana Maria Machado e, após a exibição do mesmo, conversamos com as crianças sobre nossas características, sobre o valor e a beleza de cada um.

Dando continuidade ao trabalho, apresentei à turma o livro. Fiz a leitura em voz alta mostrei as imagens de todas as páginas. Depois um aluno fazia o reconto também mostrando as páginas.

As crianças em seguida ilustraram a história e colaram bolinhas de papel crepom nos cabelos da gravura menina.

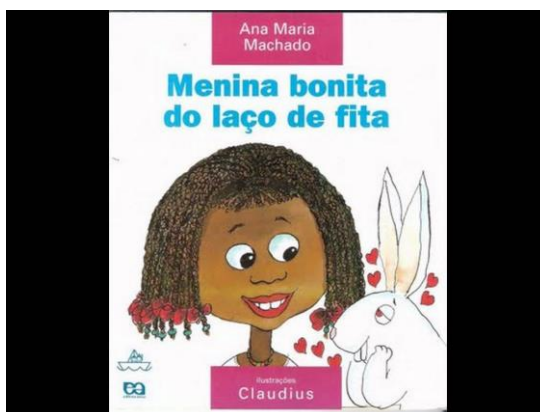


Foto1: Capa do livro Menina Bonita do Laço de Fita

Esse livro conta a história de um coelho branco que faz de tudo para ficar pretinho como a menina do laço de fita que ele acha linda. O coelho, no entanto, não sabe como ela herdou aquela cor e tenta descobrir seu segredo de ser tão pretinha. Com a insistência do coelho sempre perguntando “Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?”, a menina inventava respostas como “Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequena”. Até que a mãe da menina diz que ela era assim porque tinha uma avó preta. O coelho foi, então, procurar uma coelha preta para se casar. Encontrou “uma coelha escura como a noite” e juntos tiveram muitos coelhinhos: brancos, cinzas, malhados de branco e uma bem pretinha.

Ana Maria Machado traz nessa história o tema da inclusão do negro e da diversidade de forma interativa apresentando a valorização do negro. O coelho que é branquinho vê a menina negra com uma beleza exuberante e tenta mudar seu jeito, mas, aprende que somos parecidos com a nossa família.



Foto 2: Atividade do livro Menina Bonita do Laço de Fita



Foto 3: Atividade do livro Menina Bonita do Laço de Fita



Foto 4: Atividade do livro Menina Bonita do Laço de Fita

Pelo livro **“Lembranças do Baobá”** da autora Vanessa Alexandre, conhecemos uma árvore africana, trazida para o Brasil pelos povos que vieram do continente africano.

Durante o trabalho com os alunos, podemos nos inspirar para trabalhar a vinda do povo africano para o Brasil, ensinar como vieram, o porquê, aonde chegaram, como foi a chegada deles aqui e como contribuíram para esse país com seus conhecimentos e tradições. Baobá e o sagrado, essa sagrado contribuiu para a chegada dos negros/as até aqui, apesar das discriminações e do racismo.



Foto 5: Mural da atividade do livro Lembranças do Baobá
Realizamos uma exposição do trabalho das crianças no mural da escola.



Foto 6: Atividade do livro Lembranças do Baobá

No mural também contextualizamos a atividade, explicando a história do livro e apresentamos os trabalhos em uma exposição de trabalho manual.



Foto 7: Atividade do livro Lembranças do Baobá



Foto 8: Atividade de recorte e colagem realizada pelas crianças referente ao livro Lembranças do Baobá



Foto 9: Atividade realizada pelas crianças referente ao livro Lembranças do Baobá

O livro **“O Mundo das Pessoas Coloridas”** do autor Caio Ducca, tratou da relação de amizade que devemos ter com todos/as. Não é a cor da pele que deve ditar com quem nos relacionamos ou a quem chamamos de irmão/irmã. Refletimos sobre como estavam os relacionamentos na sala de aula, durante o recreio?

As fotos aqui inseridas são arquivos da escola e todas tem autorização de imagem que encontra-se no arquivo da escola.

4 - ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Toda criança deve respeitar a outra criança independentemente de sua cultura e o professor deve ser o primeiro a fazer isso e ensinar sempre que possível.

Todo o trabalho desenvolvido nas escolas tem por função o reconhecimento, a valorização, a justiça e direitos iguais a todos. Trabalhar esse tema usando como recurso os livros de literatura foi prazeroso, porque as crianças gostam de manusear os livros, ouvir histórias e de recontar e além desses atos, houve um propósito nesse trabalho de valorização e de reconhecimento do outro como ele é.

A Lei de diretrizes e bases da educação 9394/96 afirma no Art. 1º que:

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

A educação permite ao sujeito o acesso à cultura, aos bens culturais historicamente construídos, é pela escola, desde a Educação Infantil que o sujeito aprende e transforma suas aprendizagens. À escola cabe a grande responsabilidade de garantir aos alunos os conhecimentos, de promover a socialização, de diluir os preconceitos contra outros modos e costumes de diferentes povos. A escola cumprirá o seu papel, em sala de aula, nas mostras culturais de forma a favorecer um clima prazeroso de aprendizagem, de troca de experiências, de cooperação mútua entre alunos e professores.

A resolução 01, da Câmara Pedagógica do Conselho Nacional de Educação, afirma no art. 3º:

A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 01/2004. (BRASIL, 2004, p. 32).

A realização do curso de especialização “Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola” contribuiu para a construção de práticas pedagógicas de compreensão e enfrentamento das discriminações e desigualdades étnico-raciais no Brasil e, principalmente no contexto escolar. Foi um norte para o cumprimento da lei 10639/03, um marco significativo que fortalece a presença da questão étnico-racial nos currículos escolares. É uma lei que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em atendimento a demandas e reivindicações sociais históricas.

Através da oralidade, os saberes são transmitidos, compartilhados, legitimados. Se a fala é valorizada, a escuta também é. Como afirma Nelson Mandela,

Nunca perdi a esperança de que essa grande transformação viria a ocorrer. Não apenas por causa dos grandes heróis que já mencionei, pela coragem dos homens e das mulheres comuns de meu país. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e, se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta (MANDELA, 1995)

A escola é um dos ambientes de convivência no qual a criança pode mudar pensamentos aprendidos em casa ou na rua e poderá, inclusive, influenciar na convivência da família, num momento oportuno, uma vez que a criança “corrige sem maldade”. As escolas devem promover essas mudanças acreditando nas mudanças sociais e na extinção/diminuição de preconceitos ora existentes. A professora Nilma Lino Gomes afirma que

A educação escolar, como espaço-tempo de formação humana, socialização e sistematização de conhecimentos, apresenta-se como uma área central para a realização de uma intervenção positiva na superação de preconceitos, estereótipos, discriminação e racismo (GOMES, 2012, p.24)

As crianças passam, no mínimo, quatro horas e trinta minutos na escola, lugar de aprendizagem e de construção valores. Aquela que vivencia uma situação de discriminação com relação ao seu corpo, ao seu cabelo, à cor da sua pele, pode não construir uma imagem positiva de si mesma e negar seus referenciais de identidade, de diferença, desejando ser parecida com o outro.

Faz-se necessário, então, que tanto as crianças quanto seus familiares tenham acesso aos conhecimentos que explicam a existência das diferentes características físicas das pessoas, dos diferentes tons de cor da pele, das diferentes texturas dos cabelos etc.

A literatura infantil é um caminho possível para uma construção identitária enquanto instrumento de representação e interação. E um dos desafios enfrentados para a realização das atividades foi a escolha de livros que tratam do tema étnico racial com positividade como também a falta de filmes na escola, porque, fiz este trabalho pensando na reação e representação das crianças diante das histórias contadas.

Ao realizar as atividades com os livros foi possível perceber que uma criança negra, 5 anos, não conseguia se ver como negra e nem desenhar sua família como ela é, e estava disponibilizado várias cores de lápis de cor.

Diante de tudo isso, é possível notar que mesmo as crianças com pouca idade, já incorporou os valores racistas vigentes na sociedade com preconceito e atitudes que demonstram negação de sua identidade étnico-racial.

A partir de então, começamos a buscar fora daquele ambiente, livros novos que tratam do tema para agrupá-los a outros livros que ficam disponibilizados para as crianças em sala de aula e outros materiais como bonecas negras, jogos africanos.

CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho “A contribuição da literatura afro-brasileira para as relações étnico-raciais em sala de aula” foi desenvolvido com o objetivo de reduzir a ocorrência de qualquer tipo de preconceito, discriminação e racismo dentro do ambiente escolar e fora dele e ensinar a valorizar e reconhecer o outro como ele é.

Para atingir tal objetivo, foi realizada uma atividade qualitativa, a qual utilizou como instrumento de trabalho o livro de literatura. Houve a participação da professora e das crianças.

Acredito que essa atividade contribuiu para que o racismo, a discriminação e o preconceito fossem eliminados e desconstruídos dentro e fora da sala de aula, sendo um processo, pois a ação é contínua.

A educação visa a fortalecer os processos de autoconhecimento, de autoeducação, de conscientização e de transformação, tanto na vida dos indivíduos quanto nos grupos e comunidades. Os envolvidos no processo de educação devem trabalhar para que as escolas se tornem um espaço público em que haja igualdade de tratamento e de oportunidades.

Crescemos ouvindo histórias de Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Rapunzel, Cachinhos Dourados e sempre brincávamos das personagens de tais contos. É hora de mostrar e aprender outras culturas que nos foram negadas ao longo dos anos, pois é contando histórias que transmitimos os saberes, os costumes e tradições de diferentes culturas.

A promulgação da Lei 10639/03, que versa sobre a necessidade de abordar a História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas em sala de aula ainda é um desafio para a educação à inclusão dessa prática, dessa legislação no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Vanessa. Coleção Nossa Terra. Alis. São Paulo.

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana. Brasília/DF: SECAD/MEC, 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº9394/96 – Brasília: Imprensa oficial, 1996.

DUCCA, Caio. O Mundo das Pessoas Coloridas. Mazza. São Paulo.

GAIVOTA, Gustavo. Posso Ser Princesa. Uni Duni. Belo Horizonte.

GOMES, Nilma Lino (Org). Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003. Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do Laço de Fita: 7ª edição. São Paulo. Ártica. 2005.

MANDELA, Nelson. Longo caminho para a liberdade: uma autobiografia. São Paulo: Siciliano, 1995. 523p.